



Tangências do indizível:

Festschrift em homenagem a Ricardo Timm de Souza

Agemir Bavaresco
Evandro Pontel
Jair Tauchen
Orgs.



Editora Fundação Fênix

Ricardo Timm de Souza: Nasce na década de 60 do século passado, na serra gaúcha em plena tensão do mundo bipolar; na academia afia-se no pensamento filosófico e na arte da harmonização dos sons musicais como instrumentista e regente, compositor e docente musical, realizador de concertos e gravações de trilhas sonoras; na Europa, em plena Alemanha doutora-se na pesquisa filosófica e aprimora-se em vários centros de excelência; faz da docência uma paixão que se materializa na produção bibliográfica de livros autorais premiados e reconhecidos pelo público filosófico e da literatura; pesquisa e mantém, incansavelmente, a orientação de dissertações e teses na formação de novos profissionais em todas as áreas; engajado como membro e fundador de centros, sociedades e institutos de pesquisa e de estudos em Levinas, Rosenzweig e outros; Vinculado à PUCRS, à Escola de Humanidades e ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia articula-se num ecossistema de docência, pesquisa e inserção comunitária;

Em interface interdisciplinar trabalha, transversalmente, ética e literatura, fenomenologia e psicanálise, filosofia latino-americana e cultura ocidental, ética aplicada e biopolítica.

Em *Tangências do indizível*, a comunidade de colegas expressa o reconhecimento ao homenageado pelo seu tangenciar o indizível e ressignificar as categorias e a prática; pelo seu modo de subjetivação e de estar fora de si, em permanente trânsito; pela composição em uma sonoridade, que evoca o informe e imenso multiverso, ampliando, sinestesticamente, a performatividade do texto; pelo inventar e criar ainda como um exercício de imperfeições, que não realiza a plenitude do seu projeto estético; pelo romper dos padrões estabelecidos no vibrante pulsar da produção, tangencialmente, de intensidades, indizivelmente, verdadeiras.

(Agemir Bavaresco)



Editora Fundação Fênix



Agemir Bavaresco
Evandro Pontel
Jair Tauchen
(Organizadores)

**Tangências do indizível:
Festschrift em homenagem a Ricardo Timm de Souza**



Porto Alegre, 2022

5. Dizer é ancestral e tarde demais... – Intempestividades de Kafka: a Justiça, o Veredicto e a Colônia Penal – um ensaio, de Ricardo Timm de Souza¹



<https://doi.org/10.36592/9786581110680-05>

Augusto Jobim do Amaral²

Mas os livros têm seu destino, pertencem a um mundo que não englobam, mas que reconhecem, ao escreverem, ao exprimirem e ao se fazerem pro-longar e preceder de prefácios. Interrompem-se, reclamam de outros livros e, ao final de contas, interpretam-se em um ´dizer´ distinto do ´dito´.
Emmanuel Levinas,
(Autrement qu'être ou au-delà de l'essence)

É o tempo que guarda a *assimetria* radical da *alteridade*. A diferença do intempestivo *outro* desintegra a lógica interessada pelas essências. Neste traço, o presente texto pode soar, propositalmente, um tanto estranho, estranhamente familiar [*unheimlich*], pois se trata de prefácio escrito (entre fevereiro e abril de 2009) a pedido do autor que acabou, por motivos logísticos, não sendo publicado junto à obra *Kafka: a Justiça, o Veredicto e a Colônia Penal – um ensaio* (São Paulo: Perspectiva, 2011). Apresentação esta que acabou por não existir, mas que, embora deslocada, optamos por representá-la e publicá-la, ansiando pela *justiça* da linguagem original desde sempre perdida, agora tarde demais para sê-la e ainda prematura para transmitir a tamanha gratidão pelo gesto do Professor.

Não obstante, mesmo assim, *há tempo*. Não encontraria nada mais justo que grafá-la, de modo descompassado também agora, em gesto de homenagem neste

¹ O texto aqui apresentado guarda seu original em SOUZA, Ricardo Timm de et. al. (orgs.). *Literatura e Psicanálise: encontros contemporâneos*. Porto Alegre: Dublinense, 2012, pp. 88-101.

² Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Escola de Humanidades) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais (Escola de Direito) ambos da PUCRS.

obra. Nada mais kafkiano que a alegoria de um escrito que trazia um futuro que se perdeu, que não foi, mas que sempre ressoa como rastro. Pouco haverá de mais genuíno neste instante que uma “espectrologia” [*hantologie*³], a “não-contemporaneidade a si do presente vivo”, secreto desajuste furtivo que chega sem pertencer a este tempo. Introduce-se, pois, um assombro na própria construção da linguagem. Sorte podermos contar com Kafka, portanto, para juntos melhor aprendermos a viver.

Prelúdio

Um encontro com Kafka, por certo, é sempre um local *traumático*. Ressalte-se a briga por seu *discurso*, por sua correta interpretação, pela busca de monopólio de sentido outorgado por alguns pensadores. Correto Foucault⁴ quando não se espantava em ver o discurso não apenas como aquilo que manifesta o *desejo*, mas como objeto do próprio; não apenas aquilo que traduz as lutas e contradições, mas aquilo pelo que se luta – poder do qual queremos nos apoderar.

Lembra Heller, quando da leitura de *O Processo*, que só há uma maneira de não assumir a posição de intérprete ao de encontrar com Kafka: não lê-lo⁵. O que não significa que deva produzir um texto com ares policiais à cata de significado, supliciar a escritura atrás de uma “verdade”. Postura madura, pois, é partir dele, mas não estacionar aí, caindo num mero comentário/recitação que se coloque na insolúvel situação de dizer pela primeira vez aquilo que já fora dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito.⁶

Arriscar algumas palavras sobre um autor de tamanha dimensão é trazê-lo consigo, não imaginando o que ao final possa ocorrer; lançar-se num permanente

³ No idioma francês, a *hantologie* inventada por Derrida (*Spectres de Marx – L'État de la dette, le travail du deuil et la nouvelle Internationale*. Paris: Galilée, 1993) foi pensada como trocadilho sonoro ao próprio conceito greco-latino *ontologie*. É possível encontrar as variações como “assombrologia”, “rondologia”, “obsidiologia”, podendo indicar uma espécie de filosofia dos espectros.

⁴ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. 14ª ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 10.

⁵ HELLER, Erich. *Kafka*. Tradução de James Machado. São Paulo: Editora Cultrix/Editora da USP, s.d., p.73.

⁶ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso...*, p. 25.

*ensaio*⁷, mais afeito ao aspecto fragmentário de sua escrita (para além das bordas do real da letra, como dirá Lacan). Perceber que o texto da arte é o próprio texto da vida, e é por isso que não há necessidade de se recorrer às intenções declaradas do autor para decifrar o enigma e compreender o que quisera dizer. Assim se dá uma relação com o que de Kafka pode vir à ideia,⁸ ou seja, o *desejo* (longe da busca pela completude do gozo) de transitar no interstício, no lugar crítico, de crise, da crítica, da construção e do critério, todavia, que a leitura permite. É o colocar-se para além puramente da *função-autor*, alertada por Foucault,⁹ onde não se fique preso, controlado, organizado por mecanismos/procedimentos que podam e têm a função de abortar o caráter de acontecimento aleatório do discurso, de inconstante, de arredo e indomável que o faz uma temível materialidade. Historicamente, textos, livros, foram sempre carregados de riscos antes de serem presos num circuito de propriedade e classificação; como se pudesse resumi-los numa unidade de escrita, num certo modo de ser que imputa ao discurso um foco de coerência – um modo de existência de funcionamento do discurso no interior de uma sociedade.

⁷ ADORNO, Theodor W. "O ensaio como forma". In: ADORNO, Theodor W.. *Notas de literatura I*. Tradução Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas cidades/Ed. 34, 2003.

⁸ O autor, em sua literatura, conseguiu como poucos fazer uma verdadeira parábola do homem moderno e sua angústia interminável. Conseguia olhar a experiência como um espelho e captar os detalhes da própria imagem que outros espelhos apenas vagamente refletiam (BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 96). Ele próprio na condição de *estranho universal*, acaba por romper definitivamente a própria autonomia de criar sobre um material dado. Ser estranho é isto: a capacidade de viver numa ambivalência perpétua. É assustadora a sua capacidade de situar a enorme agonia presente em vários aspectos da contemporaneidade. Até mesmo nos pequenos detalhes, como ressalta Jill Robbins, no uso exaustivo que fazia da conjunção *aber* ("mas"), fazia transparecer a notável complexidade de uma alma "que não pode simplesmente ver e sentir em linha reta", uma postura que hesitava não por covardia, mas por clarividência (BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*, p. 190). Para isto, constantemente fazia uso das chamadas justaposições *paratáxicas*, onde os eventos e atos são cumulados uns nos outros, todavia quando vistos em conjunto não faziam sentido algum, devido a evidentes contradições. O que se evidenciava, por certo, era uma narrativa com ausência de hierarquia frente a uma inconclusividade interpretativa, ou seja, um vácuo de entendimento (p. 191). Simultaneamente, na medida em que Kafka recobria-se de oposições, ele mesmo as contradizia. Povoam, pois, o seu imaginário figuras híbridas, seja um homem que se transforma em inseto; um macaco que se transforma em homem; um cão que se põe a filosofar; meio gato, meio cordeiro; meio morto-vivo; e quiçá o mais "incoerentemente coerente" de seus personagens: *Odradek*. É a permanente impossibilidade de designação que expõe um vazio agonístico. É o próprio "farfalhar de folhas [palavras] caídas" – sem seiva, parafraseando a descrição de seu personagem, que nos recorda incessantemente e de forma incisiva o vazio intruso que hoje toma conta do então projeto moderno.

⁹ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 6ª ed.. Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Águeda: Veja, 2002, pp. 46 e 47.

Talvez, como quer Agamben,¹⁰ o lugar da *poesia* – que possamos aqui ser tocados por Kafka – não está nem no texto nem no autor (ou no leitor mesmo), mas simplesmente no *gesto*, em que o autor e leitor se põem em jogo no texto, irrevogavelmente e sem reservas (encontro ético?); enfim, tentar pairar no inexpresso nestes atos manifestos. Ver a escrita, suma, como lugar de abertura, um *ter lugar* em que sujeito e objeto se (trans)formem um através do outro e um em função do outro. Falar *em Kafka, de Kafka, sobre Kafka* parece um convite ao retrato ousado, profunda insinuação de forma sub-reptícia de se sentir *com* o texto, podendo e deixando-se envolver por ele.

*

Ricardo Timm de Souza é genuíno e radical neste esforço. E o apresenta de forma brilhante em *Kafka: a Justiça, o Veredicto e a Colônia Penal – um ensaio*.

Cada livro ao ser escrito, em que pesem as produções em massa que nos invadem, é uma pedagogia destinada a formar o seu leitor. Todavia, ao se deixar este *rastro*, não se pode destiná-lo singularmente a alguém. Não se sabe exatamente a quem se fala, pois aquilo não mais nos pertence. São *gestos* que nos abandonam e agem independente de nós. Expropriamos a coisa, como escreve Derrida¹¹, sem saber propriamente a quem é que a deixamos confiada.

Esta pequena abertura que nos propomos a realizar apenas demonstra a tamanha *responsabilidade* que *su-porto* – mesmo tempo que me enaltece – ao me deparar com a tarefa de poder apresentar um livro singular. No instante de responder a um convite realizado, imediatamente vem-me à idéia a dimensão do ato do querido amigo e professor Ricardo Timm de Souza. Atitude d(e)o autor, de alguma forma ‘indicar’ seu leitor; a possibilidade, mesmo que inverídica, de postular antecipadamente um destinatário.

Assim, receber a incumbência do Ricardo para “prefaciá-lo” uma de suas belas obras – e naturalmente, de alguma forma, também apresentá-lo – de pronto, coloca-me num estado único. O que de imediato inunda este ato é um sentimento de

¹⁰ AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Tradução de Luísa Feijó. Lisboa: Edições Cotovia, 2006, p. 91.

¹¹ DERRIDA, Jacques. *Aprender finalmente a viver – entrevista com Jean Birnbaum*. Tradução Fernanda Bernardo. Coimbra: Ariadne Editora, 2005, pp. 32-34.

incapacidade plena: não tenho condições de fazê-lo, faltam-me condições mínimas para realizar tal tarefa. Assim, a profunda alegria com que recebo esta *responsabilidade*, apenas pode vir conjugada com a afirmativa *resposta* que isto *eticamente* me impôs. *Responder* a este chamado afirmativamente, *por* ele, ainda que fadado ao fracasso, na inatingível tarefa de fazê-lo plenamente em sua essência, apenas escancara a dimensão realmente relevante do indizível da linguagem – assunto por si só nodal e magistralmente tratado nesta pequena-grande obra (como se apraz serem as maiores obras filosóficas).

Pela vontade benevolente de um amigo, aqui os papéis se invertem. O aluno tem o prazer, por consideração gratuita e jamais por algum mérito próprio, de oferecer o livro de seu professor – referência pessoal no sentido genuíno da palavra – com quem teve a sorte de cruzar, ainda nos bancos da graduação. À época, diante dos questionamentos de uma impávida “platéia jurídica”, fez a todos, sutis a perceberem, intuir sobre os mistérios da *alteridade* – exatamente em ato, sendo tocado pelo indefectível *traço da diferença* que cada *encontro* traz consigo. *Encontro* que supõe algo além da própria ordem da reflexão.

Neste aceno de amizade – no momento em que me encontro com irretratável alegria e premido, não obstante, a expressá-la – é que, para além do manancial teórico de sua filosofia, vez mais se percebe sua *paciência*, sua *assignação* com este aluno seu. Que seja perdoada alguma repetição desnecessária do que haverá de ser lido posteriormente no corpo do escrito. Alguma função que atravessa qualquer apresentação pode ser encontrada em pretender, quem sabe, *desdizer o dito* que a linguagem do texto acaba inexoravelmente por encerrar. Tentar *dizer* de novo, ainda que de forma prévia, o que inevitavelmente do cerimonial da linguagem compadece no *dito*.

*

Simplesmente, propomo-nos fazer um *chamado* ao leitor – com toda a carga de desafio que isto implica – de, na prosa de Ricardo, arriscarmo-nos profundamente no *gesto* poético do encontro com seu texto. O leitor saberá acompanhá-lo no “mundo das chancelarias e das repartições, dos quartos escuros, bolorentos e

úmidos"¹²: *mundo de Kafka*. Universo da estupidez, da degradação e da sujeira, que não reconheceremos como também nosso se já tivermos sido engolidos sobremaneira por ele. "Juízes em sótãos", "secretários no castelo", serem mesquinhos que, por mais elevados que se encontrem, aparecem repentinamente com plenos poderes animados burocraticamente pelos seus representantes mais inferiores e degenerados. Aventurar-se, enfim, neste *Teatro Universal* – é disto que se trata.¹³

Num cotidiano pouco *envergonhado* de *patas arriba*, como disse o poeta uruguaio¹⁴, donde pululam os comportamentos inexplicáveis e as declarações ambíguas, é que as decisões da administração, abandonadas à lascívia e à promiscuidade, prestam-se para tudo. Porque *vergonha*? Como escreveu Benjamim¹⁵, este foi o gesto mais forte de Kafka em sua literatura. Seu desejo maior? Reconduzir a poesia à consistente doutrina frente à razão. *Vergonha*, enfim, socialmente imperativa, *vergonha para todos* de um mundo cego de razão (cegueira branca, como outrora escreveu o poeta português¹⁶), em que unicamente a *angústia* parece poder se tornar fonte de *esperança*.

Kafka é, ao mesmo tempo, testemunha e profeta do desdobramento de um projeto moderno, de uma temporalidade (ir)racional que tem no *progresso* o coro universal da história, dispensado de qualquer conteúdo de vitalidade. Ricardo oferece os contornos que a literatura kafkiana merece. Nas palavras de Adorno, não fica retido a tê-la como uma "oficina de informação da situação humana", mas dá os tons do escândalo desejado pela obra¹⁷. Kafka, em suas alegorias e parábolas – alheio a algum simbolismo que poderia conduzir a uma totalidade representante de um sentido reto –, choca pela evidência – magistralmente captada por Ricardo – da *coisificação* do sujeito. O mundo se descobre absurdo e o autor tcheco resiste a sua

¹² BENJAMIN, Walter. "Franz Kafka – no décimo aniversário de sua morte", In: BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. Tradução de Heindrun Krieger Mendes da Silva et. al.. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000, p. 78.

¹³ BENJAMIN, Walter. "Franz Kafka – no décimo aniversário de sua morte", pp. 79 e 90.

¹⁴ Cf. GALEANO, Eduardo. *De Pernas Pro Ar: a escola do mundo ao avesso*. Tradução de Sergio Faraco. 9ª ed.. Porto Alegre: L&PM, 2007.

¹⁵ BENJAMIN, Walter. "Franz Kafka – no décimo aniversário de sua morte", p. 95.

¹⁶ Cf. SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. 6ª ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁷ ADORNO, Theodor W. "Apuntes sobre Kafka", In: ADORNO, Theodor W. *Prismas – La Crítica de la Cultura y la Sociedad*. Traducción de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Ariel, 1962, p. 261 (traduções livres a partir daqui).

violência exatamente de forma não-violenta. Deixa que o próprio sujeito se “desumanize” para denunciar sua situação imposta pelo mundo: *psicologia pela última vez!*¹⁸ É o parasitário do poder que interessa à Kafka, captado nos protocolos cerrados repetidos ao infinito e na violência desenfreada exercida por figuras decadentes. Como arremata Adorno, *sua usurpação manifesta o usurpatório do mito do poder.*¹⁹

São nestes e noutros pontos cegos da obra – visto nos gestos que se contrapõem às palavras; de uma literatura perturbadora que resolve as ações dentro destes códigos gestuais – que Ricardo envereda sabiamente.

*

O autor, como só a poucos é dado, trabalha com enorme desenvoltura, exatamente naquilo que importa e há de genuíno a se questionar. Vai direto ao epicentro de todo pensamento que se queira absoluto e ali se abriga, por certo, para lembrá-lo de sua constrangedora e paradoxal *ex-istência* ilimitada. *Absolutos* (totais, por óbvio?) que esqueceram sua degeneração primeva e obliteraram, sob sua ‘consciência de si’, a *diferença* original. Não está ele permanentemente a se preocupar senão pela *questão sobre a questão*: sobre aquilo que se afirma previamente a qualquer questão, o que *su-porta* a própria questão, o que permite a pergunta ser feita, *movimento ético* por excelência que antecede à interrogação filosófica cabal sobre o *sentido do ser.*²⁰

Se presente o alerta do autor em termos da *patologia da linguagem*²¹ – vitalidade da linguagem que foi reduzida/substituída por uma mera lógica de enunciados – é porque estamos às voltas, na expressão derridiana²², com o apagamento do *traço da escritura*, ou seja, a condição não presente na presença de

¹⁸ “Busca Kafka a salvação mediante a incorporação da força do inimigo. Pretende romper a maldição da coisificação pelo procedimento de que o mesmo sujeito se coisifique.” (ADORNO, Theodor W. “Apuntes sobre Kafka”, pp. 290 e 291).

¹⁹ ADORNO, Theodor W. “Apuntes sobre Kafka”, p. 278.

²⁰ Cf. *O Argumento* em LEVINAS, Emmanuel. *De Outro Modo que Ser o Más Allá de la Esencia*. Tradujo Antonio Pintor Ramos. Cuarta Edición. Salamanca: Sígueme, 2003. pp. 43-66.

²¹ Ver SOUZA, Ricardo Timm de. *Sobre Kafka e a Patologia do Tempo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

²² Sobretudo DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

qualquer interrogação, a anterior aquiescência que me despe da centralidade das essências e se dá imperativamente de *outro modo*. Mais ainda: em Kafka não haveria no mais elevado grau a expressão chocante de uma linguagem que se esvaziou? Tentativa, pois, de eliminar o *traço* para pontualmente, neste momento, demonstrar a morte da linguagem? Estaria impulsionada, em certa medida sua literatura, neste fundo de elaborar uma (falsa) linguagem sem *traço*, ou seja, uma linguagem inequívoca que se esvazia e morre nesta tarefa impossível?

Nesta obra especial, privilegia-se a intensidade subversiva da *ex-istência*, quer dizer, está-se permanentemente a *descortinar o sentido sobre o qual se deve erguer o humano antes de todo o sistema*. Em sua filosofia, em especial na obra que agora nos brinda, Ricardo surpreende a racionalidade oca, intolerante ao crivo humano vital, que faz funcionar aparelhos singularmente violentos. Uma razão que se esgota em si como engenharia, e sacia os mais incautos, sedentos de ordem e de mando em busca de algum "colério patriarca" ²³ autoritário que *realize seu imaginário*.

*

No livro, sem antecipar e sempre a instigar o leitor, o autor adornianamente *ensaia*, como raros, uma prosa simples e rica. Digo *ensaio*, pois trabalha os conceitos, percebe que tais existem de modo dinâmico, principalmente quando temos Kafka como convidado (in)tempestivo. 'Adorna-os', faz pulsá-los noutra organicidade. Exerce a *montagem* – no viés benjaminiano – de um livro no sentido da interrupção de uma ânsia totalizante do pensamento sistemático, sem perder – por evidente – o rigor filosófico responsável.

Tensiona linhas de força sobrevalorizando os arquivos vivos no "aqui e agora" das histórias kafkianas. A postura ensaística de Ricardo abre a linguagem de uma literatura kafkiana ao transitório de uma situação única, principalmente para mantê-la digna à realidade. Operar desta maneira é manter a fidelidade necessária à letra de Kafka, principalmente quando se desempenha a necessária e nunca demasiada *crítica da razão violenta* e sua naturalização, sintoma que, enfim, inviabiliza pensar

²³ ADORNO, Theodor W. "Apuntes sobre Kafka", p. 273.

algo sobre *justiça*.

Ciente o autor de que Kafka mina o distanciamento artístico e, de certa forma, rompe a autonomia do que seja ou não literatura. Desta maneira, é como intérprete do contemporâneo que vemos o escritor theco flexionado nas palavras de Ricardo. Por ele, vivenciamos o olhar paralisado da linguagem que petrifica suas entranhas – seu *dizer* – pelos aparelhos dos enunciados já *ditos*, redundantes e suficientes *em si e de si*. *Dizer* é, em outras palavras, dizer “a alguém” – assevera Ricardo desde o início. É *passividade* e não propriamente *ato*. Encerrar a palavra num mero falado seria demonstrar a incapacidade de *escutar*, impedir o *dis-curso*, ou seja, impedir a inesperada *resposta* do *outro*. O *dito* é, pois, apenas intervalo do *dizer*, *discurso já dito*.

Seja *n’O Veredicto (A Sentença)* seja *Na Colônia Penal* é a luta estéril contra o *absoluto* – a *sentença absoluta* daquela e o *absoluto da culpa* nesta – a impotência e o fracasso desde sempre mobilizados – o acólito que se anuncia em suas histórias. Talvez ainda aqueles não acostumados com os labirintos lingüísticos de uma esfera jurídica – aos “Cumpra-se’s” das ordens judiciárias, realidade totalizada –, sejam exatamente os que mais facilmente atentarão para os tons nocivos da coincidência da linguagem com a *totalidade*.

É imergindo nestas novelas que o autor vai buscar desenvolver um dos vértices centrais da obra: *o que significa abissalmente, o que assume hoje (ou deve assumir) o debate sobre a justiça?* Na rotinização/normalização dos procedimentos, o absurdo ganha ali cores de pânico. Sob a moldura de escaninhos burocráticos óbvios de nossos tempos, aparelhos “singulares” de justiça não cessam de exercer sua ode à *totalidade* naturalizando seu argumento. Nestes momentos, o absoluto corrói a obsessão pela *justiça*, paralisada que está no *dito* da linguagem.

No *excurso*, parte final do livro, em grande final, seguindo firme seu plano, põe em questão, sob novo sentido, certos mastodontes filosóficos – “Teorias da Justiça” de todas as estipes que supõem a intocabilidade da *liberdade*, e buscam a harmonização entre as várias *liberdades*, como se houvesse um ser racional situado na *totalidade* pronto para fazê-lo. Critica o autor, sobretudo, esta *espontaneidade* pela, desde sempre, *presença ética* do *outro* que impede a transcendentalização deste *eu* e, em conseqüência, da própria idéia de *liberdade*. *Ética*, neste contexto,

escutada não como um inventário de prescrições – determinações prévias de agir ou um acoplamento conceitual de *ditos* –, mas exatamente como aquilo que, originalmente humano, condiciona e fundamenta de antemão a própria ação. Ricardo propõe, assim, a discussão da *justiça* em outros termos, vista a realidade como local de *encontro* com a *alteridade* do *outro*. Isto não se poderia dar senão colocando aquela *liberdade* na berlinda, não a tendo como mera espontaneidade, mas *tornada justa* por sua justificação. Aponta, noutros termos, assim, como na longa e fértil tradição literária russa, para uma *irmanação na liberdade (sobórnost)*²⁴ das pessoas.

Justiça não como interação de *liberdades* previamente dadas, mas preocupada com a lúcida investidura deste ser livre. Na filosofia levinasiana: *liberdade investida – verdade* que se fundamenta na anterior *liberdade*, mas já envergonhada pelo seu *desejo* de *infinito ético*. *Justiça*, enfim, colocada como condição mesma de se pensar o *real*, algo fundante do sentido humano e não meramente teorizável. Trata-se de utilizarmos, segundo Ricardo sobre as lições de Levinas, das condições de possibilidade da construção de *justiça* a partir de *relações éticas fundamentais*, ou seja, navegando todos num processo interminável de sua constituição incompleta, todavia obsessiva pela *necessidade* do *outro – mistério* que sempre se evade de esquemas bem pensados, pois *assimétrico*, não correlacionado a qualquer estrutura de segurança ‘outro–eu-próprio’; presente para além das nossas *re-presentações*, e aquém desta trajetória que o põe em questão. Assim, dá-se sua própria condição de saber. *Outro* não apenas *limite* da *totalidade*, mas como a condição primigênia (da subjetividade) de portar-me livremente num mundo *entre* múltiplos.

*

Em todas as esferas de uma rotina que habitamos com os outros sem encontrá-los, seria normalmente aceito e poderíamos ficar em transe e embebecidos pelo esforço de escrita do belo trabalho filosófico do autor se não fosse exatamente sua (nossa) maior preocupação exatamente a tomada de *urgência* – entendida como efervescência que assombra o *absoluto* e não uma febre aniquiladora da procura

²⁴ Cf. NIVAT, Georges. *Vivre en Russe*. Paris: L’Age d’Homme, 2007.

pela dignidade do mundo – das posturas suscitadas no ensaio. São nestes momentos de viragem (cisão) que as estruturas de sentido têm suas capacidades opacas subvertidas e se reconhece a violência-mor da proposição de uma racionalidade intrinsecamente boa.

Há uma dolorosa lucidez do XX que os espectros de Kafka anteviram e Ricardo vai realçar suas tintas. Sobre aquilo que é possível fazer, alheios à nostalgia de um ser onipotente da racionalidade, que nos posiciona sob a crise, ou seja, hipocritamente, arrisca-se a afirmar, em tons foucaultianos²⁵, que a verdadeira tarefa política hoje não seja outra senão *criticar o jogo das instituições aparentemente neutras e independentes; entrever desmascarada a violência política que exercem obscuramente*. Ricardo vai aí e muito além. Neste viés, entendo que haja um desejo sublimemente precioso desde o início até a última linha do livro: contribuir fortemente para surpreender as novas configurações que hoje iluminam a realidade por um modelo de racionalidade genuinamente violenta. Sistemas totalitários bem pensados (ignorantes ao fato de que antes que se ponha a ‘pensar’, antes do ser, há um ‘eu’ que *su-porta* outrem – carrega, porta, leva consigo: *pensar como a-pesar*) que visam desesperadamente a marcar cada um à ferro e fogo, e a fundir subjetividades numa massa *in-diferenciada*. Racionalidade sem frestas que *neutraliza* qualquer *sentido des-inter-essado*.

Como palavras derradeiras, se alguma quinta-essência é dada a perceber aos livros, possível que seja aquela relativa à *comunicação fundadora da amizade à distância pela escritura*. Daí, sim, algum sentido de humanidade se deixaria captar – fazer amigos através do texto. Tendo, de alguma forma, conseguido nestas breves palavras de carinho, abordar de maneira conceitual, aquilo que se dá primordialmente de *outro modo*, já me darei por satisfeito. Afinal, *escrever* já se pode dizer que é da ordem de *fazer justiça ao impossível*, mas é isto que, todavia, permite este lugar mesmo de *estranhamento*, lugar soberano do pensamento ético por excelência.

²⁵ Debate havido em 1971 com N. Chomsky e F. Elders acessível em FOUCAULT, Michel. “Da Natureza Humana: Justiça contra Poder”. In: FOUCAULT, Michel. *Estratégia, Poder-Saber*. Coleção Ditos e Escritos IV. Organizador e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 114.

Não obstante, em nada tendo contribuído para despertar o interesse do leitor para *Kakfa: a Justiça, o Veredicto e a Colônia Penal – um ensaio*, do Professor Ricardo Timm de Souza, que sejam esquecidas as palavras até aqui escritas. Partam obstinadamente ao prazer da leitura. Este espaço apenas se justificou pela graça de um *Professor* (em maiúscula), intocado pelas deformações profissionais da ‘Academia’ (ainda que seu extremo conhecedor), que concedeu ao aluno a oportunidade de demonstrar vez mais a admiração e amizade que torna possível esperar sempre algo de *extra-ordinário*.

Ciente se está que a significação do *dizer* vai além do *dito*; é por aí que poderemos justificar nossa exposição para além de alguma essência inerente ao que se disse. Algo como uma *apresentação sob espectros*, não no sentido de fazer justiça em si, mas tampouco que abdica da *responsabilidade* que lhe requisita. Saberão todos fugir do mero jogo de enunciados (articulação lógica de *ditos*) aqui expresso – cadeias de identificações aqui *re-presentadas* – para então emergir o que importa sobretudo: o *gesto*, este *acontecer* na *diversidade* dos *modos de ser* de cada *dizer*. Sempre há aquele algo de inenarrável, irreduzível à simultaneidade do escrito, mas é exatamente este *an-árquico* que dá sentido – *proximidade*; condicionamento da razão como sabedoria do amor. Que estejamos dispostos a aceitar estar tocados pela *alteridade* desde sempre.

Se nem tudo pode ser *dito* pela expressão digna da vivacidade de cada *dizer*, e pelo seu *desejo* original de *justiça*, que fique aqui ao menos registrada a significação de nossa intencionalidade mais própria de agradecimento. Ao menos que se diga isto a *tempo*.

Referências

ADORNO, Theodor W. "Apuntes sobre Kafka", In: ADORNO, Theodor W. *Prismas – La Crítica de la Cultura y la Sociedad*. Traducción de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Ariel, 1962.

ADORNO, Theodor W. "O ensaio como forma". In: ADORNO, Theodor W.. *Notas de literatura I*. Tradução Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas cidades/Ed. 34, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Tradução de Luísa Feijó. Lisboa: Edições Cotovia, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BENJAMIN, Walter. "Franz Kafka – no décimo aniversário de sua morte", In: BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. Tradução de Heindrun Krieger Mendes da Silva et. al.. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

DERRIDA, Jacques. *Aprender finalmente a viver – entrevista com Jean Birnbaum*. Tradução Fernanda Bernardo. Coimbra: Ariadne Editora, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DERRIDA, Jacques. *Spectres de Marx – L'État de la dette, le travail du deuil et la nouvelle Internationale*. Paris: Galilée, 1993.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. 14ª ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 6ª ed. Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Águeda: Veja, 2002.

GALEANO, Eduardo. *De Pernas Pro Ar: a escola do mundo ao avesso*. Tradução de Sergio Faraco. 9ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

HELLER, Erich. *Kafka*. Tradução de James Machado. São Paulo: Editora Cultrix/Editora da USP, s.d.

LEVINAS, Emmanuel. *De Outro Modo que Ser o Más Allá de la Esencia*. Tradujo Antonio Pintor Ramos. Cuarta Edición. Sígueme: Salamanca, 2003.

NIVAT, Georges. *Vivre en Russe*. Paris: L'Age d'Homme, 2007.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Sobre Kafka e a Patologia do Tempo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.